



Representações da Arte em Reportagens Televisivas: o lugar do jornalismo cultural¹

Sofia Franco GUILHERME²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo identificar qual é o espaço dedicado à cultura no telejornalismo diário, tendo em vista que a mídia é uma instituição que contribui para a formação de uma opinião pública e, conseqüentemente, capaz de incluir ou excluir formas de produção artística no gosto popular. As reflexões foram feitas a partir da análise do discurso de uma amostragem selecionada entre as reportagens televisivas que abordam como tema central assuntos de cultura e artes nos principais jornais da TV aberta do Brasil, exibidas em 2012. Vale ressaltar que, no campo do jornalismo – especialmente o televisivo – a editoria de cultura ocupa lugar pouco representativo, sendo muitas vezes diluída em programas de variedades.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Televisão; Cultura; Arte; Jornalismo.

A presença da cultura no telejornalismo diário

O jornalismo cultural como um todo ainda precisa definir sua posição dentro da atividade e levanta algumas questões sobre a função das reportagens sobre cultura e do jornalista cultural. O jornalismo cultural deve ser opinativo? Fazer o papel de serviços, disponibilizando uma agenda dos eventos do momento? Ser composto de críticas e resenhas? O que há para ser feito, além disso? Em seu livro *Jornalismo Cultural*, Daniel Piza discute algumas destas questões se voltando principalmente para as mídias impressas. No entanto, estas discussões podem ser deslocadas também para as mídias audiovisuais, como é a nossa proposta com o projeto *Reportagens Televisivas e Estigmas Sociais: As Representações da Arte em Questão*.

A construção do conceito de cultura e arte utilizado nesta pesquisa foi feita pensando de forma que não restringisse o nosso objeto de pesquisa, já reduzido por natureza. Por isso buscamos definições mais amplas e abrangentes de cultura, que a vissem de forma plural e sem preconceitos. Para isto usamos como base teórica *A Cultura no Plural*, de Michel de Certeau, que afirma que não existe uma definição de Cultura e sim várias culturas que convivem. Ele visa o intercâmbio entre o popular e o

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da ECA-USP, email: sofia.guilherme@usp.br.



intelectual, sendo que uma forma de cultura não é superior a outra, todas elas possuem seu valor e sua função. Ele ainda destaca que a cultura tomada no singular é extremamente prejudicial para a criatividade.

Mas o que faz a arte ser considerada arte, e se diferenciar das outras produções? Sobre a questão da legitimidade conferida às formas de expressão cultural humana Pierre Bourdieu diz que, através de instituições que intermediam o acesso à cultura são criadas divisões das formas de representação do mundo que são legítimas ou não (BOURDIEU, 2001, p.276). Sendo assim pensamos na mídia como uma das instituições com autoridade legitimadora na atualidade. Por isso, as reportagens televisionadas, ao selecionarem certas formas de produção cultural para serem apresentadas ao público, estão contribuindo para que estas sejam aceitas e, portanto, consumidas pela população.

As mídias selecionam o que será apresentado ao público por motivos externos a ela, mas também por motivos internos a máquina midiática. Segundo Patrick Charaudeau “pode-se falar de automanipulação das mídias sob a pressão de suas próprias representações” (CHARAUDEAU, 2012: 258). A instância midiática lida com as representações de seu público e com as representações de si mesma, sendo que estas representações de si mesma podem se estender as suas rubricas. O jornal será dividido e organizado para se encaixar na identidade construída para si pela máquina midiática.

A divisão de um jornal em editorias é um exemplo do processo de classificação presente na vida social. Tal processo está ligado ao estabelecimento de identidades e diferenças. Segundo Tomaz Tadeu da Silva, “A identidade e a diferença são criações sociais e culturais” (SILVA, T. T., 2000: 76). As identidades são produzidas em um contexto social a partir da diferenciação de suas características das de outras identidades, portanto diferença e identidade são inseparáveis.

As identidades são disputadas e dependem de relações de poder para se estabelecerem. “Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade” (SILVA, T. T., 2000: 81). No caso da identidade de uma editoria no telejornalismo o recurso envolvido nesta disputa é o espaço e o tempo de exibição das matérias que correspondem a esta rubrica na edição diária do jornal.

A divisão do espaço midiático em rubricas remete à reconstrução do espaço público operada pelas mídias. As editorias do jornalismo, por exemplo, correspondem aos diversos campos de pensamento da opinião pública em que a informação cultural é o espaço reservado para as discussões sobre o campo artístico, suas produções e atores.



(CHARAUDEAU, 2012: 145). Na televisão as divisões temática se dão de forma temporal ou seja a hierarquia das reportagens de acordo com suas rubricas pode ser percebida pela ordem de apresentação e número de vezes que uma notícia aparece além do tempo de exibição reservado para ela na edição do telejornal.

Sendo assim, podemos considerar aqui a disputa por reconhecimento da identidade da editoria de cultura no telejornal. A cultura pode ser considerada como um tema estigmatizado dentre as editorias do telejornalismo. Pelo levantamento feito, o número de matérias encontradas surpreendeu, pois esperamos um número muito pequeno, mas ainda assim a quantidade encontrada é muito inferior a de outras editorias. A sensação de ausência de matérias culturais no telejornalismo diário pode ser um exemplo de como a editoria de cultura ocupa lugar pouco representativo, sendo muitas vezes diluída ao longo do ano.

Por este ponto de vista, a editoria de cultura pode carregar o estereótipo de ser menos importante, fútil, e, portanto, servir para ocupar espaço quando não houver outros fatos mais “importantes” de serem noticiados naquele dia. Outro possível estereótipo é de que a cultura, se fosse discutida com mais profundidade crítica, não seria compreendida pelo telespectador médio dos jornais. Esta visão elitista enxerga a cultura como um tema complexo e mistura o estigma do público com um estereótipo dos temas culturais.

Comunicação e discurso nas mídias

Para estabelecermos os parâmetros da análise discursiva a ser realizada sobre as reportagens que constituem a amostragem desta pesquisa utilizamos como referência as propostas de Patrick Charaudeau em seu livro *O Discurso das Mídias*.

O modelo de análise se baseia na concepção do ato comunicacional como uma troca entre a instância de produção e a instância de recepção onde deve haver uma cointencionalidade para que o sentido se produza, pois o receptor precisa reconhecer a estruturação feita pelo produtor dos signos e formas da linguagem utilizada. Desta forma são instituídos três lugares de importância na máquina midiática o lugar da produção, representado pelo produtor de informação, o lugar da recepção, representado pelo consumidor da informação, e o produto midiático. (CHARAUDEAU, 2012).

A instância de produção envolve as práticas profissionais condicionadas pelas relações socioeconômicas da empresa midiática (espaço externo-externo) e as condições de produção da informação, onde são tomadas as decisões a respeito de como o produto será realizado (espaço externo-interno) de acordo com os efeitos que pretendem



produzir no público. No entanto, o produtor “não tem garantia de que os efeitos pretendidos corresponderão àqueles realmente produzidos no receptor” (CHARAUDEAU, 2012: 26).

O lugar das condições de recepção é dividido em interno-externo e externo-externo. O primeiro é o espaço do receptor ideal, um leitor modelo imaginado pela instância produtora para ser o alvo do produto comunicacional. O segundo é o espaço do receptor real, público consumidor da informação que a interpreta conforme suas circunstâncias de leitura.

O lugar do produto midiático concretizado, objeto das análises realizadas nesta pesquisa, é o local onde o discurso está configurado como texto, verbal ou não. Como explicitado anteriormente, os sentidos pretendidos pelos produtores e os sentidos realmente produzidos nos receptores não são necessariamente coincidentes. Portanto a análise do produto, neste caso das reportagens televisivas, é um exame dos “possíveis interpretativos”, baseado no estudo das estruturas encontradas na amostragem e nos discursos de representação circulantes nas instâncias de produção e recepção.

As mídias são atuantes nas dinâmicas e construção do espaço público onde contribuem na constituição de discursos circulantes. Os discursos circulantes são as somas dos enunciados que definem a sociedade e por meio dos quais os sujeitos de uma comunidade se reconhecem. Dentre as características do discurso circulante, ligadas às funções da representação, a que se relaciona com a nossa questão é sua função de regulação do cotidiano social, que direciona os hábitos de certo grupo social, incluindo as formas de cultura consumidas por seus integrantes. (CHARAUDEAU, 2012: 118).

Levantamento de reportagens culturais

Escolhemos trabalhar com os principais telejornais da TV aberta brasileira, que tem alcance nacional e tratam de diversos temas da sociedade e um público alvo mais amplo. A decisão foi feita tendo em vista sua maior visibilidade e poder de legitimação e representação dos temas tratados. “É por conta da visibilidade que as mídias assumem um papel crucial como disciplina e controle, portanto, como promotoras/mantenedoras de escalas de valores, como vigilantes.” (GOMES, 2003, p.77). Assim, podemos compreender como a cultura é representada a para a população geral, que não possui conhecimento prévio ou procura se informar sobre este tema especificamente, como seria o público alvo de um programa mais especializado.

As reportagens exibidas nos telejornais Jornal Nacional, Jornal Hoje, Jornal da Record, Jornal do SBT e Jornal da Cultura, foram recuperadas por meio do acervo



disponível no site das respectivas emissoras. Todos são exibidos nacionalmente, e exceto o Jornal Hoje, são exibidos no horário nobre da televisão. A inclusão deste último foi feita para que tivéssemos o parâmetro de um programa exibido em um horário alternativo e considerado mais leve do que os jornais noturnos.

“Os telejornais só entram na área cultural quando há algum morto célebre, alguma exposição muito promovida que promete fazer filas na cidade ou mais uma vez alguma estreia chamativa no cinema para o fim de semana” (PIZA, 2011: 66).

Após coletar os dados dos cinco telejornais selecionados como objeto de pesquisa, fizemos uma classificação prévia dos conteúdos trabalhados por cada um deles na primeira fase do trabalho. Dentro do grande tema Cultura pudemos perceber temáticas menores em que as reportagens televisivas se agrupam. Foram elas: Carnaval, Tradição Popular, Função Social da Arte, Comemorações, Mortes, Premiações, Exposições, Festivais, Sucessos de Audiência, TV, Turismo e Crimes.

A inclusão de uma reportagem em um grupo temático não a exclui dos demais, pois uma única reportagem pode abranger mais de uma temática, portanto elas foram classificadas de acordo com o conteúdo mais evidente.

No caso do Jornal da Cultura a categorização foi feita de maneira um pouco diferente, devido ao seu formato. Dois quadros especiais, que foram classificados separadamente, tratam de temáticas culturais com maior frequência, o Arquivo Especial, que depois passou a se chamar Cultura Retrô, e o Boa Noite Especial, no fim de cada edição.

Amostragem selecionada

Para constituirmos uma amostragem de análise representativa das reportagens levantadas no ano de 2012 separamos as temáticas em sete grandes grupos: Função Social, Crime, Agenda, Premiação, Morte, Tradição popular e Grandes Audiências. Foram selecionadas então uma reportagem de cada uma destas temáticas mais uma reportagem do quadro Arquivo Especial, do Jornal da Cultura.

A seleção foi feita levando em conta a proporção que cada temática ocupava dentro dos telejornais pesquisados de forma a abranger todos eles com equilíbrio. Das oito reportagens que compõe a amostragem temos duas do Jornal Nacional, duas do Jornal da Record e duas do Jornal do SBT, que representam um telejornalismo mais tradicional. Além disto, foi selecionada uma reportagem do Jornal Hoje, que ocupa um local diferente na programação da Globo e esta emissora já possui outro representante, e



uma reportagem do Jornal da Cultura, pois pretendíamos analisar o quadro diferencial deste telejornal.

Além destes critérios também buscamos abranger diferentes formas de produção artística (literatura, artes plásticas, audiovisual, música e dança) e direcionadas a públicos variados para analisar os tratamentos encontrados. As notícias que despertaram maior interesse pelo acontecimento relatado dentro de cada temática também tiveram prioridade na seleção.

A reportagem que trata da temática Função Social da arte foi retirada do Jornal Nacional do dia 20 de abril. A notícia relata como presos do Espírito Santo reduzem sua pena ao participar de coral no presídio. A outra reportagem deste telejornal foi sobre a morte do escritor Gore Vidal, exibida no dia primeiro de agosto de 2012, representando a temática morte.

Do Jornal do SBT foi selecionada a reportagem abordando a temática tradição popular, sobre a declaração do Frevo como Patrimônio Imaterial da Humanidade no dia 6 de dezembro. A outra matéria selecionada do SBT foi da temática grandes audiências que trata do livro *Cinquenta tons de cinza*, um sucesso mundial, que foi ao ar no dia 11 de agosto.

Representando a temática Crime o caso do clipe de Alexandre Pires acusado de racismo foi abordado pelo Jornal da Record no dia 4 de maio. Do mesmo telejornal escolhemos a matéria sobre a Bienal de São Paulo, da temática Agenda, exibida no dia 7 de setembro.

O Arquivo Especial exibido pelo Jornal da Cultura no dia 17 de março homenageou Tim Maia na data dos 14 anos de sua morte. E na temática premiação escolhemos a reportagem do Jornal Hoje do dia 20 de novembro, que tratou dos Emmy's recebidos pelas produções da Globo, uma matéria interessante justamente por sua autorreferencia e exaltação da qualidade da emissora.

Estrutura e linguagem das reportagens

Toda vez que capturamos a realidade ela passa pelo filtro de um ponto de vista particular, construindo um fragmento do real. Por isto quando tentamos representar a realidade o que temos é um real construído. A notícia é uma forma de construção do acontecimento dentro de um contrato de comunicação midiático. O contrato institui um quadro de restrições dentro do qual ocorrerá a encenação da informação. O produtor joga com os elementos do contrato de acordo com a situação de comunicação e com os



efeitos que pretende produzir, unindo o desafio da credibilidade e atraindo o público (CHARAUDEAU, 2012: 129).

O telejornalismo parte do acontecimento para construir uma narrativa midiática. A televisão é um dispositivo que permite a narrativa tanto em simultaneidade, ou seja, construída ao mesmo tempo em que os eventos se desenrolam, quanto a narrativa após o acontecimento, onde se operará a reconstituição dos fatos.

Em todas as reportagens desta amostragem e na grande maioria das reportagens culturais, os eventos são narrados posteriormente, sendo utilizados então recursos de roteiro e montagem para reconstituir os acontecimentos, tornando-os inteligíveis ao espectador. A maioria dos acontecimentos relatados dentro da editoria de cultura são programados no calendário da vida social e esperado pelo público, mas alguns dos casos são inesperados, como a morte (CHARAUDEAU, 2012: 138). Estas narrativas possuem uma estrutura similar, típica do telejornalismo, mas também apresentam singularidades de acordo com a temática que representam.

Todas as reportagens são introduzidas pela cabeça gravada no estúdio do telejornal pelos âncoras, normalmente um homem e uma mulher sentados atrás de uma bancada, a exceção é o Jornal da Cultura que possui apenas uma âncora. A função dos apresentadores é conduzir o jornal, introduzindo e amarrando as notícias que compõe a edição do dia, sem expressar opiniões pessoais a respeito dos acontecimentos relatados, eles são a representação da equipe editorial e em alguma medida da própria emissora. No cenário do estúdio os elementos mais importantes são a bancada, que confere seriedade e autoridade aos âncoras, e a logomarca do telejornal ao fundo dos apresentadores, marca da identidade do programa.

As reportagens se utilizam do recurso de montagem para construir a narrativa audiovisual dos acontecimentos relatados. Elas unem fragmentos de filmagens das produções culturais abordadas em diversos ângulos e enquadramentos, com depoimentos para a câmera em primeiro plano, principalmente do público e de artistas, e passagens dos repórteres em locais o mais próximo possível do acontecimento, também se utilizam de imagens de arquivo dos artistas e produções quando são mais antigas.

Arlindo Machado (2000) caracteriza o telejornal como uma “polifonia de vozes”, onde a notícia reconstrói o acontecimento a partir da combinação de diversos pontos de vista, envolvendo vários enunciadores, diferentes entonações e níveis de dramaticidade, sem que um se sobreponha ao outro cabendo ao espectador interpretar



sua versão dos fatos. Nesta forma narrativa o repórter enviado para cobrir o evento é apenas mais um enunciador, que contribui para a multiplicidade de vozes.

Em paralelo à ideia de polifonia encontramos o conceito de policromia proposto por Souza (2001). A autora argumenta que as imagens também possuem suas heterogeneidades na estrutura visual, no jogo entre os elementos da linguagem não verbal, o ângulo, as cores, detalhes, enquadramentos, representam diferentes perspectivas do objeto tratado. “Ao definir a policromia como rede de elementos visuais, implícitos ou silenciados, verifica-se que são esses os elementos que possibilitarão as diferentes interpretações do texto não verbal.” (SOUZA, 2001: online).

Apesar das reportagens culturais levantadas possuírem uma multiplicidade de perspectivas visuais e apresentadas nas falas, estas são majoritariamente complementares, não conflitando as opiniões a respeito de uma produção artística. Poucos são os pontos de vista apresentados que se contradizem ou apontam lados divergentes a respeito do acontecimento abordado na reportagem de cultura. O telejornal só pode falar sobre aquilo que está mediado, só pode mostrar os fatos que forem capturados por suas câmeras e correspondentes ou tenham testemunhas, leigas ou oficiais. O repórter não é apenas um observador, ele se torna parte da narrativa, o que confere maior realismo e credibilidade à reportagem. A presença da televisão no local e tempo do acontecimento é essencial para legitimar o discurso e por que esta é a condição principal da sua enunciação.

Por isso vemos que todas as reportagens, exceto o Arquivo Especial, possuem passagens dos repórteres enviados pelo telejornal em um local o mais próximo possível do acontecimento. Quando não se pode estar no lugar exato do evento, no caso da morte, do sucesso de audiência e da premiação, os repórteres são correspondentes falando de Nova York, onde uma peça teatral do autor Gore Vidal estava em cartaz e no Central Park, onde comprovam o apelo mundial do livro “Cinquenta Tons de Cinza”, além de estar presente na sala de imprensa do Emmy Internacional.

Discursos presentes nas reportagens

Os discursos disseminados nas reportagens que compõe nossa amostragem destacam os aspectos positivos e integradores da arte na sociedade. Elas reforçam a ideia de que a arte é para todas as pessoas, independente dos conhecimentos prévios sobre aquela produção, escolaridade ou classe social.

Na reportagem de tradição popular sobre o frevo fica bem claro o discurso de que este produto cultural é capaz de tocar qualquer indivíduo com o qual entra em



contato quando o repórter diz que muitas pessoas no público “nem sabiam do que se tratava, mas se encantavam com o que viam”, e o maestro entrevistado confirma esta premissa afirmando que “qualquer povo que escutar esta música maravilhosa, primeiro se emociona”.

O mesmo acontece na reportagem de agenda a respeito da Bienal de arte de São Paulo, a testemunha escolhida para ser entrevistada ia pela primeira vez a uma exposição de arte e afirmou estar muito emocionada com a experiência, juntamente com as imagens dela admirando uma instalação ao lado de outras pessoas. A narração da reportagem confirma que não é necessário ser um visitante experiente ou entender as intenções do artista para aproveitar as obras de arte expostas, cujo papel é instigar o público.

Outro discurso presente nas reportagens coletadas é de como a arte é capaz de ajudar indivíduos a superar situações de dificuldades sociais como a pobreza ou presidiários que precisam se reintegrar a sociedade. É o caso da reportagem sobre o projeto de música oferecido aos detentos no Espírito Santo, onde a arte cumpre sua função social e contribui para que eles “deixem as grades para trás”, os tornando mais aptos a conviver em comunidade pela reflexão e sensibilização através da música. A função social da arte também está presente no Arquivo Especial em homenagem a Tim Maia, quando a narração destaca a infância difícil do cantor e seu envolvimento com drogas antes de conseguir fazer sucesso nos palcos.

Na reportagem da temática morte são levantadas as contribuições do autor Gore Vidal para a literatura e para a vida política nos EUA. Neste caso entra em questão a influência que os artistas de prestígio possuem na sociedade e sua capacidade de criticar o poder e levantar questões polêmicas através de sua obra e de suas declarações na mídia.

No caso da reportagem de grande audiência, o produto em questão é o livro *Cinquenta tons de Cinza*, que obteve sucesso internacional. O aspecto destacado pela construção narrativa da notícia é o erotismo do livro e sua má qualidade literária, revelando o elitismo do jornalismo cultural ao falar de literatura, e desviando dos discursos elogiosos sobre a arte, sendo que esta produção nem é chamada de arte. A crítica é feita apontando que apesar das leitoras, já que o livro é voltado para o público feminino, se sentirem envergonhadas de lerem sobre sexo elas encontram maneiras de ultrapassar este obstáculo, com o uso do e-book. Para que o espectador consiga entender a proporção do sucesso de vendas do livro de E.L. James a reportagem o compara ao



sucesso dos livros da saga Harry Potter e ao mencionar a editora cita o autor Paulo Coelho, um brasileiro que faz parte da lista de best-sellers.

A única reportagem da amostragem selecionada que realmente contrasta pontos de vista a respeito de uma produção é a da temática crime. Nesta notícia o assunto é o clipe da música “Kong” do cantor Alexandre Pires que causou polêmica por ser considerado racista e implicitamente incentivar o sexo sem camisinha. São colocados os pontos de vista do representante da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, do Procurador da República e do advogado do cantor, além de serem apresentados trechos do clipe em questão para que o público possa construir sua interpretação do fato.

A reportagem de premiação exibida pelo Jornal Hoje nos interessa principalmente por fazer referência a própria emissora do telejornal e exaltar os sucessos das produções da Rede Globo. A reportagem é bem maior que as demais que compõem a amostragem chegando ao dobro de tempo de exibição de algumas. Na matéria o discurso claramente é elogiar a qualidade da instância de produção, sendo a autorreferência sua característica mais marcante. Ela descreve a cerimônia destacando os momentos em que concorreram produtos da Globo, com trechos dos programas mencionados, e entrevista os vencedores. A matéria também é a única que possui um pé na bancada do telejornal, onde os apresentadores enumeram as vitórias da emissora nos Emmy's anteriores.

Relação Texto-imagem

A televisão é um dispositivo que mistura a linguagem verbal e a linguagem não verbal onde imagem e fala estão “numa solidariedade tal, que não se saberia dizer de qual das duas depende a estruturação de sentido” (CHARAUDEAU, 2012: 109). Neste jogo enunciativo a imagem tende para o sentimental e a palavra para o conceitual.

Muitas vezes a TV pode ser apenas ouvida sem prejuízo ao entendimento da informação transmitida, isso acontece porque a imagem está sendo descrita e explicada pela fala. Este tipo de imagem repetitiva que mostra o que está no texto está bastante presente nas reportagens da amostragem. Como exemplo temos a sequência a seguir, retirada da reportagem sobre a morte de Gore Vidal.

Imagem	Texto/Áudio
Arquivo de entrevista de Gore Vidal há alguns anos.	Ele chegou a concorrer duas vezes a uma vaga no Congresso, mas nunca foi eleito. Crítico ferrenho da política externa americana,



Cenas de guerras, helicópteros e bombas explodindo.	se posicionou contra as guerras do Vietnã e do Iraque.
Arquivo de Gore Vidal de cadeira de rodas.	Foi alvo da fúria de muita gente ao declarar,
Cenas das Torres Gêmeas em 11/09/01.	após os ataques de 11 de setembro de 2001,
Arquivo de George Bush em pronunciamento.	que George Bush teria sido cúmplice dos terroristas.
Arquivo de entrevista com Gore Vidal.	Há quatro anos, Gore Vidal disse numa entrevista que não se arrependia de nada na vida.

Tabela 1: Relação texto-imagem na reportagem sobre Morte

As reportagens com temas culturais também utilizam imagens que complementam o sentido das palavras. Elas não representam o que está sendo descrito pela narração, mas mostram aspectos da produção cultural sendo tratadas.

Sobre o tipo de imagens utilizadas nas matérias do telejornalismo cultural, a maioria possui um enquadramento centralizado e ângulos retos. Poucos quadros foram feitos com contra-plongé ou plongé, pois privilegiam a clareza nas representações. Além disso, as entrevistas são feitas em primeiro plano de frente para a câmera, focando no rosto das testemunhas, captando suas expressões.

A imagem televisual das reportagens de cultura tem a função de designação, mostrando o mundo em sua realidade perceptiva (CHARAUDEAU, 2012: 225). Os produtos culturais são os “objetos mostrados”, criando um efeito de transparência, como se o espectador estivesse lá, em contato com a produção artística. Esta função está ligada ao efeito de autenticidade.

Fontes da informação

As informações apresentadas em um telejornal não podem ser inventadas, elas devem obedecer ao critério de credibilidade da instância midiática. Portanto para produzir uma reportagem é preciso utilizar fontes de informação internas ou externas ao mundo das mídias.

Pela classificação de Charaudeau (2012), as fontes internas às mídias podem ser do próprio organismo de produção (correspondentes, enviados especiais e arquivos próprios) ou de outros organismos (agências de informação e indústrias de serviços e outras mídias). As fontes externas podem ser institucionais (Estado-Governo, Administrações, Organismos sociais, políticos e representantes sociais) ou não institucionais (testemunhas, especialistas ou representantes de corpos profissionais).

Fizemos um levantamento numérico das fontes de informação utilizadas nas reportagens que fazem parte da amostragem desta pesquisa. As fontes de informação mais utilizadas pelas reportagens culturais são as não institucionais externas à mídia,



especialmente testemunhas que compõe o público das produções tratadas em cada reportagem. Os artistas foram classificados como especialistas por possuírem o especializado a respeito da produção cultural da qual participa. Estes especialistas também participam do conjunto de fontes de informação utilizadas com frequência nas notícias de cultura.

Os correspondentes do telejornal são fontes de todas as reportagens da amostragem, fazendo passagens, como citado anteriormente, ou apenas narrando a notícia. Dentre as outras fontes internas à máquina midiática também são utilizados arquivos do próprio organismo e informações retiradas de outras mídias.

Os arquivos compõe a maior parte das fontes de imagens das reportagens da temática morte e do Arquivo especial, pois não é possível entrevistar o artista de quem a reportagem fala, e o mais importante é relembrar seus feitos do passado. As informações de outras mídias podem ser imagens das produções, no caso do clipe de Alexandre Pires acusado de racismo, ou comentários a respeito da mesma produção, como é o caso da reportagem sobre o livro “Cinquenta Tons de Cinza”, que usa a matéria do New York Times sobre o mesmo livro.

A reportagem de temática Crime utiliza fontes de classificações diferentes das demais. Uma fonte é o advogado representante do cantor Alexandre Pires, e fontes oficiais da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, do Procurador da República.

Outra característica observada a respeito das fontes de informação é a forma de identificação utilizada pelos telejornais. Nas reportagens analisadas as fontes são nomeadas no letreiro da tela e sob seus nomes aparecem sua profissão, destacando assim qual a posição destes indivíduos na sociedade e seu grau de conhecimento a respeito do tema tratado. Os repórteres correspondentes do telejornal são identificados por seu nome seguido pela cidade de onde estão fazendo sua passagem.

Nas fontes testemunhais que representam o público das produções artísticas, as profissões são variadas e o nível de conhecimento prévio sobre aquela produção é baixo, para mostrar que qualquer um pode apreciar a obra. No caso das fontes de outros países, como na reportagem de audiência e de tradição popular, as fontes não foram identificadas no letreiro.

Conclusões

As reportagens analisadas nesta pesquisa são prioritariamente descritivas, com pouco espaço para comentários e aprofundamentos a respeito das produções culturais de



que tratam. Esta característica é própria do gênero reportagem e intensificada por serem feitas para o telejornalismo, onde não há muito tempo para desenvolver os assuntos e para a contemplação das imagens e do texto apresentados com velocidade.

Os acontecimentos são construídos midiaticamente ao serem relatados e este processo majoritariamente descritivo revela o estereótipo de que a cultura deve ser discutida com menor profundidade crítica, ou não seria compreendida pelo telespectador médio dos jornais, onde se opera um processo de vulgarização dos temas para atingir o maior número de espectadores possível. Esta visão da cultura como um tema complexo é uma junção do estigma do público com um estereótipo dos temas culturais.

No conceito de *agenda setting* proposto por Charaudeau (2012) as mídias fundamentam os comentários que os sujeitos participantes da vida social tecem sobre o espaço público. Desta forma funcionam como um filtro para os acontecimentos que chegam ao público, incluindo o tratamento dado a estes acontecimentos.

Essa ideia de “cultura” associada à intelectualidade inalcançável por grande parte da população faz com que temam a cultura. Por isso as decisões de tratamento que definem as estratégias usadas na construção de uma notícia jornalística tentam equilibrar elitismo e populismo. Os jornalistas tentam pegar uma obra de sucesso na audiência e tratá-la de forma mais profunda, mostrando que há mais nela do que os consumidores percebem inicialmente. Também podem reportar temas considerados complexos de uma maneira que o público compreenda, sendo esta forma mais comum nas reportagens analisadas, como forma de mostrar que a arte pode ser aproveitada por qualquer pessoa.

Através da análise da amostragem percebemos uma contradição no que diz respeito à posição ocupada pela editoria de cultura nos telejornais e suas reportagens. Os enunciados das reportagens exibidas nos telejornais que compõe a nossa amostragem trazem uma representação da arte como algo que pode tocar toda a população independente da escolaridade, classe social ou conhecimento prévio sobre aquela forma de produção cultural. Por este ponto de vista, os temas culturais podem sim ser compreendidos pelo telespectador médio dos jornais, pelo público alvo a quem ele se dirige quando produz seu conteúdo.

Outro estereótipo levantado é de que a cultura seria menos importante, fútil, e só receber tempo e espaço de exibição quando não existem acontecimentos mais “importantes”, de outras editorias, para serem noticiados naquele dia. No entanto ela é



apresentada com a função social de reintegrar indivíduos ao convívio em sociedade e ajudar na superação de situações de dificuldade e desigualdade sociais. Um critério de escolha pelo qual as reportagens de cultura não são selecionadas para serem exibidas é porque elas se referem a uma agenda muito local para serem exibidas em um telejornal de alcance nacional ou são frias e podem esperar abrir um espaço para irem ao ar mais tarde.

Ainda assim as reportagens que formariam uma editoria de cultura no telejornalismo diário estão espalhadas na programação e possuem um número pouco representativo se comparadas com as demais editorias. A cultura ainda não conseguiu estabelecer a sua identidade e se encontram em constante disputa por espaço na divisão temática que o telejornalismo opera sobre o espaço público.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CERTEAU, M. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- GANS, H. **Deciding what's news**. New York: Vintage Books, 1980.
- GOMES, M. R. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Hacker/Edusp, 2000.
- GUILHERME, S. F., Reportagens Televisivas e Estigmas Sociais: As Representações da Arte em Questão. In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2013, Bauru. **Anais...** São Paulo: Intercom/Unesp, 2013. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0410-1.pdf>> Acesso em: 12 maio 2015.
- MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2011.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do jardim botânico**. São Paulo: Summus, 1985.
- SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.



SOUZA, T.C.C. A Análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Revista eletrônica Ciberlegenda**. Niterói: UFF, n°6, 2001. Disponível em : <<http://www.uff.br/mestcii/tania3.htm>>

Sites consultados:

Jornal Nacional <http://g1.globo.com/jornal-nacional>

Jornal Hoje <http://g1.globo.com/jornal-hoje/>

Jornal da Record <http://noticias.r7.com/jornal-da-record/>

Jornal do SBT <http://www.sbt.com.br/jornalismo/jornaldosbt/>

Jornal da Cultura <http://tvcultura.cmais.com.br/jornaldacultura>